



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

MARTINS SARMENTO

SEQUEIRA, C.

Ano: 1900 | Número: 17a

Como citar este documento:

SEQUEIRA, C., Martins Sarmiento *Revista de Guimarães*, Volume especial, 1900, p. 64.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

PEDEM-NOS alguma coisa da nossa humilde lavra para o numero unico da REVISTA DE GUIMARÃES que vai publicar-se em homenagem á memoria querida do illustre extincto o dr. Francisco Martins de Moraes Sarmiento.

Que podemos nós produzir, que seja digno de merecer as honras da publicidade, a par dos muitos e valiosos artigos dos homens de sciencia e de letras, que vão collaborar no louvavel intuito de perpetuar, d'uma fórma assaz condigna, a grande valia do finado archeologo? Nada, de certo, porque sabemos bem que coisa alguma podemos fazer de valor, mesmo em absoluto.

Dedicavamos á pessoa do dr. Martins Sarmiento, que, não obstante a nossa insufficiencia, nos distinguia com a sua amizade, — muitissima consideração e respeito, e se sabemos ainda hoje quilatar, a nosso modo, todo o seu merecimento e apreciar bem a nobreza do seu grande character, nem por isso nos é facil exprimir-o n'uma phrase correctea, n'uma dicção estudada, de modo a emparelhar condignamente com o trabalho analytico, justo e ponderado dos criticos e censores, que vão exalçar o enorme valor de tão distincto vulto, como foi e será na posteridade o do sabio e amigo, cuja perda deploramos.

Levados por uma lisongeira mas erronea apreciação, a cooperar n'este outro monumento milliarario da sua passagem na vida, entretecemos, de giestas e boninas, a coróa funcraria, que alli vamos depór, symbolisando as flôres alpestres — a rudeza do nosso intellecto, e as mimosas margaridas do prado — a consagração intima da nossa muita veneração por essa rara individualidade, que tão prematuramente se extinguiu.

Guimarães — Dezembro, 1899.

C. Sequeira.

